

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES RESPEITOSAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL¹

THE IMPORTANCE OF RESPECTFUL RELATIONSHIPS FOR CHILD DEVELOPMENT

Elysangela Koglin Ulo Limachi², Emanuelle Gomes², Janaina Ruviaro²,
Mario Henrique Conrad Fiorin², Cristina Saling Kruehl³ e Felix Miguel Nascimento Guazina³

RESUMO

A família e a escola são os primeiros ambientes, nos quais a criança é inserida no curso de sua história e a forma como se dão as relações nestes contextos influenciará o seu desenvolvimento. Nos últimos vinte e cinco anos, estudos nacionais acerca da infância e do desenvolvimento infantil originaram concepções inovadoras quanto à educação dispensada às crianças, questionando padrões autoritários e coercitivos predominantes no ambiente familiar e escolar há décadas atrás. Compreendendo a relevância do assunto e almejando ampliar os conhecimentos acerca do mesmo, o presente ensaio se destina a demonstrar a importância de estabelecer relações respeitadas com as crianças na idade de 0 a 6 anos, tanto em seu ambiente familiar, quanto escolar. Para tanto, empreendeu-se uma pesquisa de cunho qualitativo, buscando referencial teórico que fundamentasse o presente tema, fazendo-se uma busca em bases de dados eletrônicas e livros. Compreendendo que, relações respeitadas são aquelas permeadas pela adoção de práticas educativas positivas (por parte de pais e professores) em conjunto com estilos parentais autoritativos/participativos, concluiu-se que, pais e professores, atuando dentro de uma relação respeitosa junto a seus filhos e estudantes, contribuirão para o pleno desenvolvimento de suas crianças.

Palavras-chave: estilos parentais, família, habilidades sociais, práticas educativas, relação professor-aluno.

ABSTRACT

Family and school are the first environment where children begin the course of their history, and the way relationships take place in these contexts will influence their development, either positive or negatively. Both family and school have recently gone through intense transformation as far as the way relationships are defined. Different conceptions about childhood and its development gave rise to different positions regarding the education given to children, from delegating responsibility to an entire community until finally, the family with the school, assumes this important role for its full development. Understanding the relevance of this subject, and desiring to extend the knowledge of the same, the goal of this essay is to demonstrate the importance of establishing respectful relationships for the development of children between 0 and 6 years old, both in their family and at the school environment. In order to do that, a qualitative research was conducted, the theoretical support about this theme was sought both in books and on the internet. Understanding that respectful relationships are those permeated by the adoption of a positive educational practice (by parents and teachers) with an authoritative/participatory parenting style, parents and teachers acting in a respectful relationship with their children and students will certainly contribute to the full development of their children.

Keywords: parenting styles, family, social skills, educational practices, teacher-student relationship.

¹ Trabalho de Iniciação Científica.

² Acadêmicos do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mails: pselysangela@gmail.com; emanuelle-gomes@hotmail.com; ruviarojanaina@gmail.com; mariohcf@hotmail.com

³ Orientadores - Centro Universitário Franciscano. E-mails: cristinaskruehl@gmail.com; guazina@gmail.com

INTRODUÇÃO

A família e a escola são os primeiros lugares, nos quais a criança, ao nascer e, em seus primeiros anos de vida, é inserida. O contexto familiar, bem como o educacional, tem se transformado continuamente (RIBEIRO, 2016). Até meados do século passado, os pais detinham a autoridade máxima na família, sem permitir questionamentos quanto às suas decisões. Atualmente, estas relações de pais e filhos, são de tal proximidade que os papéis podem inverter-se. Isto se observa na mudança radical no modelo de se educar as crianças - antes, este modelo era baseado, na maioria das vezes, em um autoritarismo fechado ao diálogo, enquanto que hoje, em alguns casos, uma permissividade descontrolada destrói limites gerando insegurança quanto ao que se pode/deve fazer ou não. Mesmo que algumas transformações tragam benefícios, como na questão do diálogo (atualmente, muito presente nas relações contrapondo-se ao contexto familiar do século passado), é necessário que se reconheça que, quando estas mudanças ocorrem sem favorecer estabilidade, segurança e confiança, terminam por gerar caos e confusão naqueles envolvidos neste contexto - principalmente, nas crianças (SILVA, 2008).

Estudos como de Del Prette e Del Prette (2008) e Falcke, Rosa e Steigleder (2012) demonstram a importância do papel dos pais no desenvolvimento social, cognitivo e psicológico das crianças, observam ainda a existência de inúmeros pais que se sentem confusos quanto aos papéis que devem exercer frente a seus filhos, pois estes apresentam uma paradoxal constituição - ao mesmo tempo em que a criança, de certo modo é frágil e carente de cuidados, também possui inúmeros potenciais em seu desenvolvimento.

Segundo Zanetti e Gomes (2011, 2014), não são incomuns ouvir relatos de pais que não sabem o que fazer com seus filhos, pais que sofrem por não conseguirem desempenhar satisfatoriamente seus papéis. Professores também se encontram, atualmente, angustiados por não encontrarem suporte para atender a todas as demandas de seus alunos. Esta insegurança, termina gerando na criança desamparo e angústia que, em longo prazo, trarão consequências desfavoráveis não só para pais e professores, bem como para toda a sociedade. Consequências estas que podem ser observadas, por exemplo, na violência entre os jovens, na evasão escolar - o que tem mostrado que muitos alunos nem chegam a concluir o ensino médio.

Diante do exposto, nota-se o quão importante é o início das relações humanas. Na primeira infância, período entre zero a seis anos, é quando se estabelecem as primeiras relações, tanto no âmbito familiar quanto escolar. A criança passa a inserir-se na sociedade com um ser único, com personalidade própria, mas, necessitando de todo apoio das pessoas que a cercam, pois é impossível que se desenvolvam sozinhas (BARROSO; MACHADO, 2015).

Winnicott (1987, p. 129) registrou em um de seus livros que, “quando somos capazes de ajudar os pais a ajudarem aos filhos, o que fazemos, na verdade, é ajudá-los a eles mesmos”. Esta breve citação demonstra o teor implícito deste ensaio, que propõe reflexões acerca de questões fundantes do

desenvolvimento humano: as relações primordiais. As crianças não vêm acompanhadas de instruções pré-estabelecidas, que sanam quaisquer dúvidas, que surjam durante a sua caminhada de crescimento. Portanto, este ensaio visa demonstrar a importância de se estabelecer relações respeitadas para desenvolvimento infantil de crianças com idade entre zero a seis anos.

MÉTODOS

Para o levantamento das informações relevantes para este ensaio, empreendeu-se uma pesquisa de cunho qualitativo. Desta forma, segundo Minayo (2008) pode-se empreender uma melhor compreensão da realidade do ser humano como um todo - aspirações, frustrações, planos - que são, por vezes, também compartilhados com seus semelhantes.

A busca por informações acerca do tema se deu através de uma revisão bibliográfica. Segundo Gil (2002), este tipo de pesquisa permite que se tenha uma familiaridade maior com o tema em questão, tornando-o mais explícito. A busca pelo mesmo se fez junto a bases de dados eletrônicas como: Scielo Brasil, Pepsic e alguns livros. Como descritores foram utilizados: Estilos Parentais; Família; Habilidades Sociais; Práticas Educativas, Relação professor-aluno. Não se fez alusão quanto ao ano de publicação e tomou-se para estudo, apenas os conteúdos relevantes para o tema deste ensaio.

Através da leitura do material encontrado pôde-se compreender quais são os pensamentos e as atitudes de pais e professores que permitem o estabelecimento de relações respeitadas, e elas podem se fazer presentes nos contextos: familiar e escolar. Uma ação conjunta entre práticas educativas parentais com seus diferentes estilos permitem o estabelecimento destas relações respeitadas. Os resultados oriundos da leitura do material encontrado foram organizados em duas categorias: “Relações respeitadas: desvelando conceitos” e “Relações respeitadas em âmbito familiar e escolar”.

RELAÇÕES RESPEITOSAS: DESVELANDO CONCEITOS

Segundo Araújo e Sperb (2009, p. 186), as “questões econômicas e sociais, como a industrialização, a conquista dos direitos da mulher e sua participação crescente no mercado de trabalho” vêm gerando mudanças significativas nas configurações familiares (como por exemplo - a queda da autoridade parental), nas relações estabelecidas entre crianças e adultos (relações estas demasiadamente permissivas) e, nas práticas educacionais, onde a discussão maior se dá em torno do estabelecimento de limites. Para Wagner, Predebon e Falcke (2005), expectativas e ideais sociais como de independência, competitividade, espontaneidade e iniciativa muito presentes na sociedade atual, terminaram por gerar práticas educativas menos autoritárias e mais democráticas, conforme salientam também Oliveira e Caldana (2004). No entanto, estes novos modelos de educar precisam ser norteados, tanto por uma prática educativa centrada em um diálogo recíproco entre pais e filhos/professores e alunos,

como em conjunto de uma adoção de um estilo parental que envolva todos os interessados no crescimento saudável desta criança. Isto significa: desenvolver relações mais respeitadas.

Para o desenvolvimento da concepção de relações respeitadas adotada neste ensaio, é preciso que se conheçam alguns estilos parentais e práticas educativas (tanto coercitivas, quanto indutivas) presentes hoje na sociedade. Segundo Pluciennik, Lazzari e Chicaro (2015), muitas são as diferenças nas relações educativas, tanto em nível afetivo, como na exigência de maturidade e no controle.

Conforme Moraes et al. (2007), a prática educativa a ser definida pelos pais, surge partindo das experiências vivenciadas por eles na sua família de origem, junto a uma série de características pessoais deles mesmos, unido ao contexto no qual é realizada a socialização, sabendo que este pode variar dependendo das crenças, normas e valores culturais compartilhados. Ressaltando, este estilo vai se construindo na relação com os filhos, levando em conta também as características dos mesmos, para então definir o estilo parental a ser seguido (CECCONELLO; DE ANTONI; KOLLER, 2003).

Para a compreensão dos diferentes estilos parentais e práticas educativas segue-se como base de conceituação, as conclusões de Macana e Comin (2015). Segundo seus estudos existem dois tipos de práticas educativas - positiva e negativa - e quatro estilos parentais conhecidos atualmente - autoritativo, autoritário, permissivo e negligente.

No Estilo Autoritário vê-se que há uma tentativa, através de formas rígidas, de modelar e controlar as atitudes da criança. No geral, observam-se pais que valorizam uma obediência absoluta, utilizando-se de medidas punitivas - tanto verbais quanto físicas - para que a criança se adapte e aja conforme sua exigência. Modim (2008) salienta em seus estudos que, no estilo autoritário, as críticas e ameaças à criança são mais presentes na relação entre pais e filhos, que manifestações de afeto.

No que se refere ao Estilo Permissivo, os pais e/ou cuidadores operam-se como fontes de recursos para os desejos das crianças - e não como modelos. Neste estilo, nota-se uma ausência de regras, e não há o encorajamento para qualquer obediência. Há, comumente, comunicação positiva e grande calor afetivo, porém, sem exigências de maturidade (Ibidem).

O Estilo Negligente/Indulgente configura-se como o estilo em que os responsáveis pela criança não se envolvem nas suas funções parentais, fazendo com que ocorra perda da responsabilidade, que vai crescendo ao longo da vida da criança. Neste estilo, percebe-se que, na maioria das vezes, apenas a satisfação de necessidades básicas - sociais, fisiológicas e psicológicas - é mantida. Segundo Modim (2008, p. 239), pais indulgentes tendem a ser tolerantes, “liberando a criança para controlar seu próprio comportamento”.

Por fim, apresenta-se o Estilo Autoritativo ou Participativo, no qual há o estabelecimento de limites e regras, com um clima de afetividade. A comunicação dá-se de forma otimista e positiva. Estes pais combinam suas ações à necessidade específica da criança, fazendo exigências de maturidade adequadas com o desejo e capacidade da criança. Também podem ser chamados de cooperantes, democráticos e educadores, são os pais que dão muito afeto ao filho, reconhecem a opinião e o inte-

resse da criança, mas também usam o seu poder de autoridade. Aqui, cabe uma diferenciação entre o estilo Autoritário e o estilo Autoritativo. No autoritário, têm-se pais extremamente controladores e que impedem a criança de manifestar opiniões e desejos. Em contrapartida, no estilo Autoritativo tem-se pais que permitem a criança ingressar nos assuntos familiares de forma branda, porém, continuam exercendo os limites de forma justa.

Nas práticas educativas, há duas linhas: a coercitiva e a indutiva. Segundo Macana e Comin (2015), negativa e positiva respectivamente. As práticas coercitivas apresentam-se como a forma mais utilizada no estilo autoritário, nela, nota-se pela parte dos pais ou cuidadores uma atitude mais agressiva e negativa para com a criança. Modim (2008) salienta que este tipo de prática não favorece a internalização das regras sociais e padrões morais por parte da criança, elas simplesmente produzem medo, ansiedade e raiva. Problemas de comportamento são muito frequentes em crianças que estão sob uma prática educativa coercitiva. Na prática coercitiva são comuns atitudes, por parte dos pais e cuidadores, como maus tratos físicos e psicológicos - os castigos, as palmadas, as chantagens e ameaças. Também se observa a presença de uma disciplina relaxada, na qual há uma imposição de regras que não se fazem cumprir, falta de limites e, junto a isso, uma punição inconsistente, onde pais corrigem em função de seu próprio estado emocional. Há um excesso de críticas e ausência de elogios, por parte dos pais e cuidadores, para com a criança e um controle/monitoria estressante sobre a mesma.

No entanto, na prática indutiva se vê presente atitudes, por parte dos pais e cuidadores, que expressam afetividade, como abraços e beijos, e o próprio comportamento moral destes pais possibilita que as crianças tenham um referencial a seguir. A monitoria ocorre de forma positiva, nela os pais se envolvem nas atividades da criança (como no brincar) e ainda promovem o bom comportamento destas, através de elogios e retorno positivo. A disciplina é coerente e adequada ao comportamento indevido da criança, pois através de um diálogo explicativo, ela compreende a(s) consequência(s) que sua atitude gerou. Pais que adotam este tipo de prática educativa garantem a criação e manutenção de um comportamento adequado, resultando em uma criança com maior autonomia e com autoestima fortalecida (MODIM, 2008).

A linha de separação entre uma explicação e uma chantagem ou castigo é tênue. Deve-se observar o fundamento da prática e pensar em qual base ela está apoiada. Uma das formas comuns de castigar é colocar crianças, que fizeram algo que desagradou seus responsáveis, em uma cadeirinha para que ela pense no que fez. Para crianças pequenas, menores de seis anos de idade, esse ato mostra-se totalmente ineficaz, visto que, crianças abaixo desta idade ainda não desenvolveram a capacidade para refletirem valores e normas e, após essa punição, costumam repetir o ato, pois não entenderam o motivo de tal castigo. No modo indutivo, explica-se de forma clara e simples para a criança, o que ela fez e o que esse ato causou, esclarecendo o porquê de tal ato não ser repetido (MODIM, 2008).

É neste ponto, que se estabelece a conceituação do que se reconhece como relações respeitadas - a adoção de uma prática educativa indutiva aliada a um estilo parental autoritativo. Relações deste tipo, permitem que a criança participe da família como um membro ativo, também influenciam positivamente na aprendizagem e evolução das mesmas. Percebe-se que o meio, fornecido pelos responsáveis, coloca-se como potencialmente produtivo, fazendo com que a criança desenvolva suas noções de normas e regras de maneira simples, mas, sólida, promovendo assim, a saúde mental e o bem-estar social. Portanto, relações respeitadas são como um diálogo de respeito que se estabelecem nas relações que ocorrem entre pais, filhos e todos aqueles que os rodeiam.

RELAÇÕES RESPEITOSAS EM ÂMBITO FAMILIAR E ESCOLAR

O contexto familiar tem grande importância no desenvolvimento infantil da criança, sendo o primeiro agente de inserção social. Nele, são os pais ou responsáveis que irão passar as primeiras informações do mundo a ela, dando-lhes uma base de referência. Através da cultura dos adultos é que a criança vai se moldando e aprendendo os valores morais, as regras e as normas da sociedade. Portanto, torna-se notável a importância do estabelecimento de relações de empatia e reciprocidade para com a criança, que incluam oportunidades para que ela possa expor o que pensa, sente e quer. Saber ouvir, observar e dialogar com uma criança permite que as relações entre pai/mãe e seus filhos(as) sejam melhores e mais salutares (ROMEU, 2016).

Assim, constrói-se uma relação respeitosa no âmbito familiar, no qual, com o estabelecimento do diálogo se estimula comportamentos éticos, solidários e reflexivos. Segundo a psicóloga Heloísa de Oliveira Salgado (apud SENA; MORTENSEN, 2016), é preciso que se compreenda que certos comportamentos da criança fazem parte do seu desenvolvimento e que, somente a partir de vivências respeitadas é que os vínculos se estabelecem. Por meio desta relação respeitosa e empática, a criança deixa de fazer algo porque alguém se dedicou a explicar a ela, amorosa e respeitadamente. Os resultados desta prática são crianças preparadas para agirem da mesma forma quando adultas no futuro.

A disciplina positiva tem grande importância nas relações respeitadas, por ser empática, amorosa, respeitosa e fortalecer a conexão entre os pais e seus filhos. Fundamentada no respeito contribui para uma construção de vínculos seguros, saudáveis, gerando um bem-estar para a criança, tanto na infância quanto no futuro, fazendo com que se desenvolva mais forte e segura de seus atos (FALCKE et al., 2012).

Segundo Del Prette e Del Prette (2008), a escola tem seu papel social no desenvolvimento infantil, portanto, a observância de relações respeitadas neste contexto é de crucial importância para o aprendizado destes alunos. De acordo com Bolsoni-Silva e Marturano (2008) o relacionamento desenvolvido pelos pais (práticas e estilos parentais adotados) com seus filhos torna-se um preditor importante para o bom ou mau comportamento dos mesmos na escola, em sala de aula. Famílias com

pais que exercem uma “disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança”, tenderiam a estimular problemas de comportamento nos filhos (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2008, p. 127). Entretanto, a adoção de práticas educativas positivas em conjunto com um estilo parental participativo poderia evitar o surgimento de problemas de comportamento.

Silva (2008, p. 8) salientou também em seus estudos, a importância do papel parental no desenvolvimento do ser da criança. Segundo ela, “crianças precisam ser ouvidas, exigem atenção, tempo, dedicação, esperança”, ao mesmo tempo, “necessitam de normas, conceitos, que se lhe ensina a debater, aceitar críticas...”. Significa adotar uma postura de não somente explicar para a criança o que se deve ou não fazer, mas sim, incluí-la no debate sobre a rotina escolar. Para tanto, é preciso não apenas pais presentes que desenvolvam seus relacionamentos com base no respeito, como também professores atentos a uma prática educativa positiva e participativa. É no contexto escolar que mais se observa se uma criança é feliz e adaptada no seu contexto familiar. As dificuldades em aprender na escola demonstram sinais de perturbação emocional nesta criança (STRECH apud SILVA, 2008).

Em estudo feito por Zanetti e Gomes (2014, p. 4) vê-se a importância de a criança estar cercada de pais e professores com autoridade - como no estilo parental autoritativo, a fim de que não se sintam inseguras ou sem controle a ponto de, “por medo, assumirem elas próprias a autoridade”. Segundo Araújo e Sperb (2009), muitos pais negligenciam sua tarefa de educar seus filhos e o terceirizam para a escola, o que gera inúmeros transtornos para o desenvolvimento da criança. Parece haver certa rivalidade entre escola e família. Bolsoni-Silva et al. (2013) salientam que isto pode ocasionar no uso de práticas negativas de educação, corroborando para um maior surgimento de comportamentos indesejáveis nas crianças.

Através do que foi colocado, vê-se que, assim como as relações respeitadas devem ser adotadas no ambiente familiar, na escola tem-se a mesma necessidade, para que a criança possa desenvolver-se de forma saudável. Deverá haver mútua colaboração entre a escola e a família, para que, juntos consigam promover o melhor ambiente possível para o crescimento desta criança. A escola, que acompanha a criança por um longo período de sua vida e a influencia enormemente, em sua formação mental, deve-se adequar à demanda de seus alunos, e tratá-los de maneira justa e coerente, para que assim, possam crescer em todo seu potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar e refletir acerca das diferentes práticas educativas e estilos parentais adotados pelas famílias atualmente, pôde-se ver a importância de se esclarecer o valor de uma relação respeitosa para o melhor desenvolvimento infantil. Dependendo da postura adotada pela família (tanto de pais/cuidadores como demais membros da mesma), esta criança desenvolverá ou não comportamentos que permitam

sua socialização adequadamente em outros meios, como por exemplo, na escola. Como se registrou anteriormente neste ensaio, as crianças refletem na escola o que vivenciam em seu ambiente familiar.

Constatou-se também que, é preciso haver um equilíbrio entre dependência e autonomia. Pais e professores podem, por meio de uma relação respeitosa, estabelecer os limites, as normas e regras necessárias para gerar segurança durante o processo de crescimento e aprendizagem desta criança. Ao mesmo tempo, é importante motivar e incentivar as novas tentativas e/ou a criações por parte desta criança, para que cresça confiante em si mesma e no potencial que tem para criar, inovar. Uma criança frustrada ficará ressentida em sua autoestima e, conseqüentemente, terá problemas de socialização e adaptação e, inclusive, na aprendizagem. Os pais e professores podem ser exigentes quanto ao comportamento de seus filhos e alunos sem, no entanto, adotarem posturas coercitivas, portanto, não devem confundir autoridade com autoritarismo, tanto no contexto familiar quanto também no escolar. Uma das ações práticas que pode ser adotada para o estabelecimento de uma relação respeitosa entre pais e filhos/professor-aluno é o diálogo claro para com a criança, de forma que ela compreenda o que lhe é solicitado fazer ou não. Explicar o porquê de uma atitude ser prejudicial (ou não) a ela mesma e àqueles que a cercam. Mesmo vivendo em uma sociedade que prima pela velocidade e pelo melhor aproveitamento do tempo, para estabelecer uma relação respeitosa na família ou na escola, se faz necessário dedicar tempo para a comunicação, para o diálogo, para a formação de vínculos de confiança, que irão trazer as condições necessárias para o desenvolvimento de uma criança saudável em suas relações e, conseqüentemente, um adulto equilibrado.

O estabelecimento de relações respeitadas, tanto na família quanto na escola, permitirá que as crianças, no início de seu desenvolvimento, já na primeira infância, cresçam conhecendo seus limites e aprendam a superá-los quando necessário. Embora estas relações (respeitosas) devam ser vivenciadas durante todo o desenvolvimento humano, são nos anos iniciais que a criança recebe e percebe o modelo que deve seguir. A tendência em perpetuar o mesmo comportamento aprendido pela criança, através de sua família e professores é uma realidade que não deve ser ignorada, pois estes (pais e professores) servem como base de referência para ela em relação ao mundo. Pais e professores precisam compreender que precisam promover formas de relações mais compreensivas e próximas das crianças, reconhecendo a necessidade de que estas têm de ser orientadas e respeitadas, tanto em termos de limites a ela conferidos quanto em suas potencialidades.

O estabelecimento de relações respeitadas na família e na escola implica em se compreender este momento de transição no qual a sociedade vivencia atualmente. O modelo tradicional anteriormente vivido (até meados do século passado), no qual a autoridade dos pais era imposta e não poderia ser questionada ou revogada, agora é amplamente questionado e criticado. A adoção de uma nova postura quanto à educação a ser dada às crianças de hoje, envolve uma profunda reflexão quanto ao próprio papel que a família deve desempenhar e qual o papel da escola neste processo, respeitando-se mutuamente em seus respectivos lugares e funções. Pais e professores precisam compreender que

cabe a eles estabelecer os limites e as regras para a própria segurança de seus filhos e alunos, para que se sintam seguros, protegidos e cuidados. As relações respeitadas entre adultos e crianças, quando bem estabelecidas, não ocasionam a inversão de papéis, onde crianças determinam aos pais e/ou professores o que querem ou não fazer, mas sim, resultam em um desenvolvimento saudável de um ser em formação - a própria criança.

Educar, ensinar crianças não é uma tarefa fácil, no decorrer deste ensaio percebe-se a diversidade de ações que pais e educadores podem tomar para criar/ensinar seus filhos/alunos. Práticas positivas em conjunto com um estilo parental participativo trazem resultados promissores no desenvolvimento da criança. Mas, também se percebe (ainda e infelizmente), o uso de práticas negativas, coercitivas em conjunto com estilos parentais nocivos que terminam gerando crianças com diversos problemas de ordem social, emocional, física e, inclusive, de aprendizagem.

Estudos registraram que o comportamento infantil é determinado pela forma como esta criança se relaciona, primeiramente, em seu contexto familiar e, mais tarde no contexto escolar. Pode-se dizer que na escola a criança refletirá o que vive em família. Com isso, a ênfase em desenvolver uma prática educativa baseada em relações respeitadas se faz urgente, visto que isto refletirá na sociedade como um todo. Crianças de hoje, iniciando sua vida, serão os cidadãos de amanhã que poderão perpetuar o que vivenciaram em sua infância.

Portanto, desenvolver relações respeitadas, tanto por parte de pais quanto professores, envolvem atitudes como de: interação, integração, comprometimento, afeto, comunicação, aprendizagem, proteção, conscientização, equilíbrio e confiança. Todas as dimensões da criança (família, escola, sociedade como um todo) precisam estar plenas destes conceitos que permeiam a prática educativa baseada em relações respeitadas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Greicy Boness; SPERB, Tania Mara. Crianças e a construção de limites: Narrativas de mães e professoras. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 185-194, 2009.

BARROSO, Ricardo G.; MACHADO, Carla. Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. In: PLUCIENNIK, Gabriela Aratang; LAZZARI, Márcia Cristina; CHICARO, Marina Fragata. **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2015. p. 16-33

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. Habilidades Sociais Educativas Parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. **Aletheia**, v. 27, n. 1, p. 126-138, jan./jun. 2008.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini et al. Contexto escolar: Práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 259-269, 2013.

CECCONELLO, Alessandra Marques; DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Silvia Helena. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 45-54, 2003.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 517-530, 2008.

FALCKE, Denise; ROSA, Larissa Wolff da; STEIGLEDER, Victor Amadeu Thomazi. Estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. **Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 282-293, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

MACANA, Esmeralda Correia; COMIN, Flávio. O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância. In: PLUCIENNIK, Gabriela Aratang; LAZZARI, Márcia Cristina; CHICARO, Marina Fragata. **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2015. p. 34-47.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 108p.

MODIM, Elza Maria Canheti. Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 54, p. 233-244, 2008.

MORAES, Raquel et al. Socialização parental e valores: Um estudo com adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 167-177, 2007.

OLIVEIRA, Thais Thomé Seni da Silva; CALDANA, Regina Helena Lima. Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 585-593, 2004.

PLUCIENNIK, Gabriela Aratang; LAZZARI, Márcia Cristina; CHICARO, Marina Fragata. **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2015. 130p.

RIBEIRO, Rita. Pais permissivos - crianças em risco. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Lisboa. **Actas Risco Psicossocial: investigação e boas práticas**, Fundação Minerva/Universidades Lusíada. p. 40-41, 2016.

ROMEU, Gabriela. Retrato em positivo. In: FRIEDMANN, Adriana; ROMEU, Gabriela (Org.). **Mapa da infância brasileira - Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças**. 2016. Disponível em: <www.mapadainfanciabrasileira.com.br>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SENA, Lígia Moreiras; MORTENSEN, Andréia C. K. **Educar sem violência: criando filhos sem palmadas**. Campinas: Papyrus Sete Mares, 2016. 112p.

SILVA, Silvia. **Papel parental em perturbações do comportamento infantil**. 2008. 32f. Monografia (Licenciatura em Psicologia Clínica) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; FALCKE, Denise. Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família? In: Wagner, A. (Org.). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 93-106.

WINNICOTT, Donald. Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1987. 290p.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: determinantes e consequências. **Temas psicologia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 491-502, 2011.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. Relação entre funções parentais e o comportamento de crianças pré-escolares. **Boletim de psicologia**, São Paulo, v. 64, n. 140, p. 1-20, 2014.

